

## “O BALOUÇO” DE FRAGONARD

**Teresa Cristina Cerdeira\***

Atravesso belas salas aristocráticas, de paredes recobertas de veludo colorido. Estou na Wallace Collection. E tenho nas mãos – imprudente que sou – um poema de Jorge de Sena que me fará perceber, na concretude palpável da linguagem, o poder da metamorfose.

A pintura é sempre um recorte, uma parada no tempo, e o movimento que lá houver, evocado por panejamentos barrocos, cenas de batalha ou ondas tempestuosas do mar, fica como que suspenso, como que arrebatado da transitoriedade, na aporia de uma temporalidade que não se escoia, definitivamente inscrita no espaço da tela e delimitada pelo enquadramento que imobiliza o momento único, feliz, que o pintor elegeu para fingir a eternidade.

Caminho por salas verdes, vermelhas ou de um profundo azul-marinho, até atingir uma espécie de entrelugar, quase um vestíbulo, em que a tradição das salas retangulares dos museus – aqui mais casa de habitação apalaçada do que espaço de monumentalidade – cede lugar às paredes curvas de um espaço oval, igualmente aveludado como um útero de acolhimento.

Caminhara até ali com destino certo, mirando vagamente as maravilhas que se me ofereciam, os Watteau, os Boucher, os Fragonard, mas obstinadamente buscando o referente de uma história narrada e descrita por um grande poeta, para o deleite do seu leitor. Ia confrontar *O Balouço* de Fragonard e *O Balouço* de Jorge de Sena. Queria perceber que modo especial de *ekphrasis* ali se opera, capaz de dar à cena do *divertissement* amoroso, que a pintura congelara estrategicamente na tela, a certeza de que ela era tão somente um dos muitos fotogramas de um filme que a poesia pusera a girar novamente na sua máquina de maravilhas.

Queria fazer o caminho inverso do poeta, que partira da memória da contemplação de um quadro de cena bucólica, à moda galante do rococó, para construir um poema de amor, triangulado como deve ser, para o exercício da excitação erótica: uma jovem dama e dois acompanhantes masculinos, aparentemente postos lá a seu serviço; uma natureza pletórica, luxuriante, com o “arvoredado que tremula”, “na luz difusa como névoa ardente” de um jardim que a magia da hipálage “emprenha de volúpia”; enfim, uma iluminação que privilegia os atores ou a sombra que os encobre, no jogo semantizado do claro-oscuro pictural. Ela sobressaindo no centro a balouçar, sapatinho a saltar, saias adejando pelo deslocar do vento, roupas que “constrangem o sexo e os seios que avolumam presos, e adivinhados na malícia tensa”.

Quanto aos dois atores masculinos, o que aparece em espaço privilegiado, embaixo, na lateral esquerda, é todo encantamento e, na diagonal que elege para deleite próprio, constrói plasticamente uma linha que cruza o espaço cenográfico, a mão estirada como a dar continuidade às cordas do balouço, olhos nos olhos da dama, reiterando o comprometimento amoroso numa segunda diagonal paralela à anterior; o outro, ao fundo, acreditando ingenuamente deter as cordas de segurança, é quem lança a jovem para frente, em direção ao privilegiado observador que “indiscreto se reclina no gozo de escondido se mostrar”, e que não é de modo algum o expectador do quadro, visitante do museu, a quem perversamente é roubada a visibilidade mais óbvia das pernas desnudadas.

Tudo isso estava lá e, no entanto, não fosse aquele poema na página aberta do livro de Jorge de Sena, não fosse o movimento que eu fizera ao avesso do que lhe dera origem, talvez eu tivesse atravessado, com um olhar menos agudo ou mais ingênuo, esse mundo do galanteio bucólico dos *acazos felizes de um balouço*. Mas a tela feita poema me conduz além, me ex-cita, e lança para fora a volúpia, ao acrescentar à descrição uma narrativa de triangulação amorosa, ao atribuir aos personagens um papel, o de amante e o de marido,

criando uma teatralidade operística para regozijo do primeiro, no gesto “com que obsceno se deleita olhando apenas”, e para o assentimento do segundo naquela “graça tão córnea de um feliz marido”, que assume estar na sombra do quadro e do amor.

O terceiro observador, não menos privilegiado que o amigo enternecido no leito da folhagem, não é um pérfido sátiro. É uma estátua de anjo alado, posto também à frente do espetáculo da roupagem entreaberta, pernas fletidas como se para receber o sapatinho que voa, num gesto de segredo que melhor cala a evidente cumplicidade com a cena.

A experiência da metamorfose estava completa. O espaço tinha virado tempo, o fotograma, um filme, e a tela do século XVIII um poema para o século XX. E eu podia deixar para trás a Wallace Collection. Como se do mundo nada importasse mais.

---

\* Professora titular de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisadora 1A do CNPq. Foi Regente da Cátedra Jorge de Sena de 2005 a 2011. Foi editora da Revista *Metamorfoses* de 2005 a 2013. É autora de: *José Saramago: entre a história e a ficção, uma saga de portugueses* (Lisboa, Dom Quixote, 1989 e Belo Horizonte, Moinhos, 2018); *o Averso do bordado* (Lisboa, Caminho, 2000); *A Tela da Dama* (Lisboa, Presença, 2013); *A Mão que escreve* (Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2014).